

“DA NOSSA MEMÓRIA FABULAMOS NÓIS MESMOS”: RESSIGNIFICAÇÃO E POLITIZAÇÃO DA RAÇA NO FILME *BRANCO SAI, PRETO FICA*

Agnes Cristine Souza Vilseki¹

RESUMO: A última cartela do filme “*Branco sai, Preto fica*” (2015, Adirley Queirós) diz a que veio: “Da nossa memória fabulamos nós mesmos”. Este é um filme que propõe a construção de uma narrativa pelo viés da autorepresentação, um olhar de dentro, de quem viveu e vive na periferia, na margem, e, por isso mesmo, tem propriedade para contar e inventar a sua história. Estabeleço uma interlocução com o que propõe Nilma Lino Gomes ao discutir o papel do movimento negro na ressignificação e politização do conceito de raça (2012). Segundo a autora, a ideia de raça deve ser compreendida como uma construção social, estrutural e estruturante da sociedade brasileira e que, através da atuação do movimento negro, foi apropriada e evidenciada como uma marca de luta e como símbolo de uma trajetória, sempre em curso, de emancipação. O cinema é aqui pensado como um dispositivo pedagógico, através do qual ensinamos e aprendemos modos de ser, sentir e pensar, através do qual somos subjetivados e nos identificamos e, portando, um meio fundamental de representação e construção de identidades. Neste percurso, não somente o filme enquanto narrativa nos serve como material analítico, mas também sua estrutura enquanto forma fílmica. O filme é tomado como um reflexo das ações promovidas pelo movimento negro na sociedade brasileira, no qual o discurso emancipatório é o fio condutor da narrativa.

PALAVAS-CHAVE: Cinema Brasileiro. Representação. Negro. Ressignificação do conceito de raça. Movimento negro.

26

“ABOUT OUR MEMORY WE FABLE OURSELVES”: RE-SIGNIFICATION AND POLITICISATION OF THE CONCEPT OF RACE IN THE FILM *BRANCO SAI, PRETO FICA*

ABSTRACT: The last frame of the film “*Branco sai, Preto fica*” (2015, Adirley Queirós) exposes its true intention: “About our memory we fable ourselves”. This is a film that proposes the construction of a narrative through self-representation, a gaze from within, from those who live on the fringes, on the borders, and therefore have authenticity to tell and invent their own history. I establish a dialogue with what Nilma Lino Gomes proposes when discussing the role of the black movement in the re-signification and politicisation of the concept of race (2012). According to the author, the idea of race must be understood as a social construction, structural and structuring of Brazilian society, and that once evidenced and appropriated by the black movement was turned into a mark of struggle and a symbol of the path, always in progress, of emancipation. The Cinema is taken as a pedagogical device, through which we teach and learn ways of being, feeling and thinking, through which we are subjectivated and through which we identify, so it’s a fundamental mean of representation and identities construction. In this journey, it is not only the film as narrative that serve us as analytical material, but also its structure as form. The film is taken as a reflection of the actions promoted by the black movement in the Brazilian society, in which the emancipatory discourse is the guiding thread of the narrative.

KEYWORDS: Brazilian Cinema. Representation. Black. Re-signification of the concept of race. Black movement.

¹ Mestranda em Educação pela UFPR, graduada no curso de Bacharelado em Cinema e Vídeo pela UNESPAR – Campus de Curitiba II | FAP. Membro do grupo de Pesquisa CINECRIARE - Cinema: criação e reflexão (UNESPAR/CNPq). E-mail: agnesvilseki@gmail.com

Quem tem o poder de representar, tem o poder de definir e determinar a identidade, por isso a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade. (SILVA, 2000, p. 91)

A última cartela do filme *Branco sai, Preto fica*² (2015, Adirley Queirós) diz a que veio: “Da nossa memória fabulamos nós mesmos”. Começo pelo fim, para dizer que este filme propõe a construção de uma narrativa pelo viés da autorepresentação, um olhar de dentro, de quem viveu e vive na periferia, na margem, e, por isso mesmo, tem propriedade para contar e inventar a sua história. Estabeleço uma interlocução com o que propõe Nilma Lino Gomes ao discutir o papel do movimento negro na resignificação e politização do conceito de raça (2012). Segundo a autora, a ideia de raça deve ser compreendida como uma construção social, estrutural e estruturante da sociedade brasileira e que, através da atuação do movimento negro, foi apropriada e evidenciada como uma marca de luta e como símbolo de uma trajetória, sempre em curso, de emancipação.

O cinema é aqui pensado como um dispositivo pedagógico, através do qual ensinamos e aprendemos modos de ser, sentir e pensar, através do qual somos subjetivados e nos identificamos e, portando, um meio fundamental de representação e construção de identidades. Neste percurso, não somente o filme enquanto narrativa nos serve como material analítico, mas também sua estrutura enquanto forma fílmica. E assim, o discurso do diretor Adirley Queirós se faz necessário para entendermos como é estabelecida esta construção e quais foram as suas intenções. O filme é tomado como um reflexo das ações promovidas pelo movimento negro na sociedade brasileira, no qual o discurso emancipatório é o fio condutor da narrativa.

Branco sai, Preto fica é um filme documentário e de ficção, gravado na Ceilândia, cidade satélite na periferia de Brasília, com atores não profissionais, moradores daquela região. É também um filme de ficção científica, em que os personagens, pessoas reais, fabulam sobre a sua própria história, marcada por um episódio trágico de repressão policial.

O ano é 1986. O local: Ceilândia, no Distrito Federal. Jovens se divertem embalados pela música no baile *black* Quarentão. Entre eles, Marquim do Tropa e Shokito. De repente e sem motivos aparentes, a polícia invade a festa e promove uma repressão

² Filme disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j_6Lcu4L2mk. Acesso em: 10 de julho de 2017.

violenta: “Bora, bora, bora! Puta prum lado, viado pro outro! Bora, porra. Anda, porra. Tá surdo, negão? Encosta ali. Tô falando que branco lá fora e preto aqui dentro. Branco sai e preto fica, porra.” (*Branco sai, Preto fica*, 2015)

A partir desta história real, que marcou profundamente toda uma geração que vivia na Ceilândia nos anos 80, o roteirista e diretor Adirley Queirós pretendia fazer um documentário, nos moldes clássicos³, com amigos que carregam no corpo as marcas da violência policial e da discriminação racial a que foram e são submetidos. Segundo a sinopse do material de divulgação, o enredo do filme girará em torno de “tiros em um baile de *black music* na periferia de Brasília [que] ferem dois homens, [os quais] ficam marcados para sempre. Um terceiro vem do futuro para investigar o acontecido e provar que a culpa é da sociedade repressiva”. Assim, nos primeiros minutos do filme, antes dos créditos iniciais, vemos Marquim, um homem negro na cadeira de rodas. Sua casa, adaptada com elevadores, é também uma rádio pirata, onde ele transmite a sua música e narra para os ouvintes e espectadores o episódio no Quarentão. Sobem os créditos: “*Branco sai, preto fica*”. A partir daqui, a narrativa é permeada pela fabulação.

Markim e Shokito (que no filme assume o nome de Sartana) sofreram a violência policial. Um vive na cadeira de rodas e o outro, que teve a perna amputada, usa uma perna mecânica. Quem vem do futuro é Dimas, para investigar e conseguir provas contra o governo, responsável pela agressão. Esses personagens são os protagonistas de *Branco sai, Preto fica*. São homens negros, moradores da periferia, pessoas reais que não querem simplesmente contar a história de maneira factual, mas, ao reverem o passado, propõem filmar o presente em forma de aventura, brincando com o gênero da ficção científica e imaginando um outro futuro.

3 Sobre o gênero documentário em oposição ao gênero da ficção, Fernão Ramos estabelece alguns critérios que podem ser relacionados a um tipo de documentário clássico: “Em sua forma de estabelecer asserções sobre o mundo, o documentário caracteriza-se pela presença de procedimentos que o singularizam com relação ao campo ficcional. O documentário, antes de tudo, é definido pela intenção de seu autor de fazer um documentário (intenção social, manifesta na indexação da obra, conforme percebida pelo espectador). Podemos, igualmente, destacar como próprios à narrativa documentária: presença de locução (voz *over*), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, rara utilização de atores profissionais (não existe um *star system* estruturando o campo documentário), intensidade particular da dimensão da tomada. Procedimentos como câmera na mão, imagem tremida, improvisação, utilização de roteiros abertos, ênfase na indeterminação da tomada pertencem ao campo estilístico do documentário, embora não exclusivamente” (RAMOS, 2008, p.25).

A pesquisadora Nilma Lino Gomes, amparada pelo pensamento de Aníbal Quijano, ilustra como a ideia de raça foi estruturante das relações sociais na América Latina e no Brasil a partir da dominação colonial e como ainda opera relações de poder na contemporaneidade. Segundo ela:

Quijano revela uma dimensão mais profunda da invenção da raça, trazendo-nos para o contexto latino-americano e problematizando que, antes mesmo de se consolidar como um conceito da ciência, ela foi sendo formulada como uma ideia, uma representação social e, portanto, uma forma de classificação social imbricada nas estratégias de poder colonial. Esta noção foi se tornando, paulatinamente, um instrumento de poder econômico, político, cultural, epistemológico e até pedagógico. A empreitada colonial educativa e civilizatória esteve impregnada da ideia de raça (GOMES, 2012, p.730).

A autora também argumenta que, ao considerar a ideia de raça como construção social, é necessário pensar que ela está inserida no campo da cultura e que, portanto, é efeito de discursos. Ela avalia a experiência dos movimentos sociais no Brasil como responsáveis pela politização da raça, que através das experiências sociais, é ressignificada e convertida em potência de emancipação:

Ao politizar a raça, esse movimento social desvela a sua construção no contexto das relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros, sua história, cultura, práticas e conhecimentos; retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia racial (GOMES, 2012, p. 731).

Nesse contexto proposto por Nilma Lino Gomes, insiro o filme *Branco sai, Preto fica*, pois o entendo não como agente direto do movimento negro, mas como uma instância que reflete as experiências sociais, no campo da cultura e dos discursos, e que questiona e problematiza a história dos negros no Brasil, através da construção de novas narrativas. Desta forma: “[...] dá outra visibilidade à questão étnico-racial, interpretando-a como trunfo e não como empecilho para a construção de uma sociedade mais democrática [...]” (GOMES, 2012, p. 731).

A autora utiliza a concepção de Boaventura de Souza Santos sobre o pensamento abissal para explicar a manutenção das relações de poder-saber impostos pela colonialidade. São aspectos visíveis e invisíveis, que operam a partir de uma noção eurocêntrica, na qual a Europa Ocidental é considerada como centro da civilização e da ciência moderna, detentora

de um conhecimento universal. Para a autora, tal pressuposto implica na existência de uma periferia “não só geográfica, mas econômica, política e racial” (GOMES, 2012, p. 731), e que o estabelecimento desta dicotomia acaba por criar um abismo intransponível entre esses dois universos socioculturais. A construção e o estabelecimento do pensamento abissal determinam a impossibilidade de coexistência entre os lados opostos da linha: “Para além ‘deste lado da linha’ só há inexistência, invisibilidade e ausência não dialética. O pensamento abissal moderno se destaca, portanto, pela sua capacidade de produzir e radicalizar distinções” (GOMES, 2012, p. 731).

Neste sentido, é possível estabelecer algumas relações entre o pensamento abissal e o filme *Branco sai, Preto fica*. Uma delas diz respeito à ideia de periferia geográfica, que é uma questão fundamental no filme: Brasília X Ceilândia. Brasília, capital do país, foi construída em 1960, para abrigar a sede do governo federal. Ceilândia, cidade satélite localizada na periferia de Brasília, surgiu na década de 60 para alocar os trabalhadores que vieram de outras cidades para trabalhar na construção da capital, o CEI de seu nome significa Campanha de Erradicação das Invasões. Sobre esta questão o diretor Adirley Queirós comenta:

A cidade tem um histórico de opressão. Nos anos 70, o governo de Brasília pegou 80 mil pessoas e jogou 50 quilômetros cerrado adentro. Ceilândia nasceu de um *apartheid*, de um aborto territorial. Durante muito tempo, ela foi estigmatizada como a grande periferia do Distrito Federal. É um lugar de muita migração, principalmente nordestina. É completamente diferente de Brasília, tanto na arquitetura quanto no modo de viver⁴.

Esse aspecto de segregação está presente no filme e é potencializado na narrativa quando os personagens da Ceilândia precisam de um passaporte para entrar em Brasília. Como eles não têm permissão para cruzar a fronteira, precisam recorrer a documentos falsos para entrar na cidade. O diretor usa o termo “corpo periférico” para falar de questões que são características daquele espaço e que estão impressos na construção fílmica, tal como Adirley argumenta:

4 QUEIRÓS, Adirley. *Branco Sai, Preto Fica* É Puro Apocalipse. 2015. Entrevista. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/nzj9gz/branco-sai-preto-fica-filme-adirley-queiros-puro-apocalipse. Acesso em 10 de agosto de 2017.

O filme lida com essa história que a gente trabalha com amigos, pessoas próximas da gente e uma das primeiras questões era como que a gente lidaria com esse corpo periférico. O que me interessava era uma radicalidade em relação à gramática. A ideia de falar de periferia é muito mais do que mostrar o local, é assumir radicalmente a forma que se fala, o que é falado e toda a relação que existe ali: a musicalidade, o corpo, a fala, o jeito de falar. As coisas boas e as ruins. Pra falar para a periferia, com a periferia, tentar dialogar entre a gente primeiro ⁵.

A gramática a que se refere Adirley Queirós é a linguagem do filme. O que ele propõe é uma radicalidade em relação à construção dessa linguagem que seja reflexo das tensões e contradições da periferia. Um filme que dialogue com aquele universo, antes de mais nada.

Branco sai, Preto fica é um filme construído coletivamente. Um filme híbrido, no qual são articulados elementos do documentário e da ficção. A narrativa construída através da fabulação dos personagens torna-se um filme de ficção e aventura, no qual Marquim e Sartana buscam a vingança do estado pelo episódio de repressão no baile *black* Quarentão. Como comenta o diretor: “Não existia roteiro, porque o filme todo era baseado na ideia da fabulação. Eu propunha histórias e acontecimentos e os atores buscavam na memória o que podia ser falado. Cada dia, dependendo do clima, acontecia uma coisa”⁶.

Ao longo do filme vemos Marquim trabalhar em um projeto: uma bomba de som que ele pretende jogar em Brasília com ajuda de Sartana. O conteúdo desta bomba é uma mistura de sons da periferia: música (rap, funk e forró) e barulho do mercado popular. Dimas Cravalanças é um agente do estado que vem do futuro para colher provas da violência e do racismo promovido pelo estado contra a população da periferia. Ele comunica-se com uma mulher do futuro que em determinado momento da narrativa diz a ele: “Lembra da sua missão? Encontrar o Sartana, você precisa encontrá-lo para que a gente possa mover uma ação contra o Estado por crimes cometidos contra populações negras e marginalizadas. Produza provas, Cravalanças.” (*Branco sai, Preto fica*, 2015).

5 QUEIRÓS, Adirley. 2015. Entrevista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fjbBJPrUsT4>. Acesso em: 5 de agosto de 2017.

6 QUEIRÓS, Adirley. *Branco Sai, Preto Fica* É Puro Apocalipse. 2015. Entrevista. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/nzj9gz/branco-sai-preto-fica-filme-adirley-queiros-puro-apocalipse. Acesso em 10 de agosto de 2017.

A precariedade da periferia é incorporada à linguagem e à estética do filme. Filmes de ficção científica, típicas produções estadunidenses, utilizam efeitos especiais e tecnológicos avançados e custam caro. *Branco sai, Preto fica* custou R\$221.000,00, valor que o coloca como uma produção de baixo orçamento para os padrões brasileiros. Essa marca que o filme propõe imprimir está presente principalmente através da direção de arte, na construção dos espaços, cenários e objetos de cena.

Há uma assimilação da desordem, das contradições e da atmosfera da periferia também através da música, dos diálogos e da atuação dos atores. A representação dos atores foge de uma representação naturalista, é mais pautada na improvisação a partir das próprias vivências e fabulações dos personagens. A música permeia toda a narrativa e é um elemento fundamental da própria história, desde o baile Quarentão até a explosão da bomba em Brasília.

Nilma aponta que a própria lógica do pensamento abissal acaba por gerar a apropriação do seu lugar pelo movimento negro. Segunda ela:

Se a lógica do pensamento abissal é tornar os Outros inexistentes e inferiores, a lógica desses Outros é conquistar o seu lugar de existência. Esta pode ser considerada como uma das características do movimento negro em relação à questão étnico-racial no Brasil. Ao trazer o debate sobre o racismo para a cena pública e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais, este movimento social ressignifica e politiza a raça, dando-lhe um trato emancipatório e não inferiorizante (GOMES, 2012, p. 733).

32

O mesmo raciocínio é empregado em *Branco sai, Preto fica*. Embora o diretor faça referência à periferia e a toda uma cultura marginalizada, e não somente à questão étnico-racial, esta não pode ser dissociada e é o fio condutor do filme. Adirley Queirós critica a forma que o corpo periférico é retratado na maioria dos filmes brasileiros, caminho oposto ao que ele propõe em *Branco sai, Preto fica*:

Esse corpo periferia, apesar de estar ali, de ocupar aquele espaço, ele é sempre condescendente, ele nunca assume a radicalidade, ele sempre tá narrando para alguém, ele sempre tá fazendo uma intermediação para uma certa classe média, uma certa classe dominante, tanto em relação ao território quanto em relação a política. Então, pra mim, esse corpo que tá ali é sempre mais oprimido⁷.

7 QUEIRÓS, Adirley. 2015. Entrevista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fjbBJPrUsT4>. Acesso em: 5 de agosto de 2017.

Neste ponto, é importante lembrar que o diretor é um homem branco, que vive na Ceilândia desde os 7 anos e embora conviva e seja amigo daquelas pessoas que vemos no filme, suas experiências não são as mesmas de um corpo negro. O próprio fato de ele ter cursado Cinema na Universidade de Brasília (UNB) e seus amigos não revela o abismo que separa o mundo de brancos e negros. Também aqui poderíamos problematizar um certo sexismo presente no filme, que tenta ser resolvido com uma única personagem mulher, a mulher do futuro, que só existe enquanto projeção.

Sobre estas questões o diretor afirma:

Eu, Marquinho e Shockito temos praticamente a mesma idade. A gente cresceu junto naquele ambiente e teve uma experiência com a cidade. Então a memória que a gente tem da cidade não é uma memória ouvida, mas uma memória experimentada. Aquele é um espaço de experiência que a gente viveu, e dentro dessa experiência a que mais nos toca é a da amputação, em todos os sentidos. Eles sofreram amputação física, mas nós tivemos amputação da cidade, de espaços que nós construímos e que foram criminalizados. O Quarentão, por exemplo, era isso [...]

[...] temos a mesma experiência territorial, mas eu jamais poderia ter uma experiência racial igual a deles. Eu nunca vou alcançar esse local e isso inclusive cria uma armadilha. Eu acho que daqui a cinco anos eu vou ser acusado de muita coisa, desde sexista até, não digo racista, mas de que eu estaria reafirmando um autoritarismo racial, porque sou um diretor branco que provoca um discurso de que a questão racial é muito importante. Mas como ela pode ser importante em um processo em que o único branco é o diretor? É mais uma evidência de como isso se acumula. É uma contradição permanente⁸.

A própria fala do diretor assume esta contradição, ao mesmo tempo que demonstra como a ideia de raça é estrutural na sociedade brasileira. Apesar disso, alguns posicionamentos em relação à autoafirmação, noção de território e identidade em *Branco sai*, *Preto fica* podem ser pensadas como um exercício de enfrentamento, através do qual ocorre a politização e ressignificação do conceito de raça. O filme é construído a partir de tais questões. Através da linguagem propõe imprimir a “precariedade” a que está submetida a periferia. A questão racial não pode ser dissociada deste contexto, pois está implicada diretamente como parte da cultura e como efeito de discursos.

⁸ QUEIRÓS, Adirley. Entrevista com Adirley Queirós. 2015. Entrevista. Disponível em: <http://revistacinetica.com.br/home/entrevista-com-adirley-queiros/>. Acesso em 10 de agosto de 2017.

Branco sai, Preto fica legitima um jeito de fazer cinema que problematiza relações de poder e cria enunciados a partir de uma lógica própria. Como instância pedagógica, este cinema ensina outras formas de ser e constrói outros olhares e saberes sobre a raça negra. Retomando o que propõe Nilma Lino Gomes e entendendo o movimento negro de forma mais ampla, o qual atua de diferentes formas através de ações políticas, artísticas, religiosas, o filme de Adirley Queirós faz uma importante reflexão sobre a condição do negro no Brasil, sobre o racismo, mas principalmente sobre a apropriação e o reconhecimento de si, da ideia de raça.

Ao ressignificar a raça, o movimento negro indaga a própria história do Brasil e da população negra em nosso país, constrói novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos, políticos e analíticos para explicar como o racismo brasileiro opera não somente na estrutura do Estado, mas também na vida cotidiana das suas próprias vítimas (GOMES, 2012, p.731).

Neste sentido, o filme também pode ser pensado como reflexo das inúmeras ações promovidas pelo movimento negro que resultaram em profundas transformações na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fábio et al. **Entrevista com Adirley Queirós**. Disponível em: <http://revistacinetica.com.br/home/entrevista-com-adirley-queiros/>. Acesso em: 5 de agosto de 2017.

BRANCO sai, Preto fica. Direção: Adirley Queirós. Produção: Simone Gonçalves e Adirley Queirós. Ceilândia, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j_6Lcu4L2mk. Acesso em: 15 de julho de 2017.

GOMES, Nilma Lino. Movimentos negro e educação: politizando e ressignificando a raça. In: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

LOPES, Débora. **Branco Sai, Preto Fica É Puro Apocalipse**. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/nzj9gz/branco-sai-preto-fica-filme-adirley-queiros-puro-apocalipse. Acesso em: 10 de agosto de 2017.

QUEIRÓS, Adirley. **Diretor de “Branco Sai, Preto Fica” fala do olhar da periferia**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fjbBJPrUsT4>. Acesso em: 5 de agosto de 2017

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac/SP, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.**
Petrópolis: Vozes, 2000.